

SÃO PAULO E O BRASIL

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 3/9/90

Na avaliação dos candidatos ao governo do Estado um critério fundamental é o do interesse nacional. Qual o governador de São Paulo que será melhor capaz de, governando este estado, defender os interesses de todo o país? Qual deles poderá ajudar a definir o novo pacto social o político sem o qual a estabilização dos preços, a retomada do desenvolvimento e a consolidação da democracia não serão viáveis? Qual o governador que terá, ao mesmo tempo, a firmeza e o equilíbrio para cooperar com o governo Collor quando for necessário, a ele se opor quando o interesse nacional assim o indicar?

Naturalmente a atitude mais fácil de um governador, uma vez eleito, é simplesmente, fisiologicamente, apoiar o presidente em tudo, esperando em troca verbas federais e - o que vem a dar na mesma - uma rolagem mais suave da dívida do estado. Esta tem sido a atitude mais comum dos governadores de São Paulo, que, a partir dessa atitude, transformam-se em nulidades no âmbito político nacional. Uma exceção, ainda no período autoritário, foi a de Paulo Egídio Martins. Embora dependesse politicamente do Presidente Geisel, foi capaz de enfrentar os setores mais duros do regime militar. A grande exceção, entretanto, foi Franco Montoro.

Nenhum outro governador de São Paulo teve mais coragem e firmeza em relação ao governo federal do que ele. Quando assumiu o governo, em 1983, o país vivia uma grande recessão e uma crise social. Montoro, ao mesmo tempo que colaborava com o governo federal em sua política de ajustamento fiscal, enfrentou os problemas da população com determinação, procurando minorar as conseqüências sociais terríveis da recessão. Sua contribuição política mais importante, entretanto, foi na luta pela redemocratização. Montoro e Tancredo Neves assumiram desde logo a liderança do movimento político pela redemocratização. Sabiam que esse era o papel dos governadores dos dois estados e não tiveram dúvida em adotá-lo, ainda que esta decisão pudesse ter custos na relação econômica com o governo federal.

Naquele momento os dois candidatos naturais à presidência pela oposição democrática eram Montoro e Tancredo. Montoro, entretanto, muito cedo, logo após o

grande comício das diretas que promoveu em 25 de janeiro de 1984, percebeu que a transição democrática se faria mais facilmente com Tancredo como candidato. Tancredo era mais aceitável pelos setores conservadores que deveriam fazer parte do pacto político democrático. E Montoro teve o desprendimento que caracteriza os verdadeiros homens públicos de imediatamente assumir a liderança na proposta da candidatura Tancredo.

São Paulo é muito importante para o Brasil. O governador de São Paulo, se souber assumir as verdadeiras responsabilidades do seu cargo - ao invés de ser mero apoiador do Presidente - é por definição o segundo homem da República. Um dia desses Márcio Moreira Alves, que é carioca, me dizia: "os eleitores dos estados limítrofes com São Paulo deviam poder votar também no governador de São Paulo, valendo seu voto um terço do voto dos paulistas". Ele estava brincando, mas o que dizia era muito sério. O interesse nacional está em jogo quando se vota no governador de São Paulo.

Dos quatro candidatos que disputam o governo de São Paulo, apenas Mário Covas tem condições de assumir o papel político que cabe ao governador. Plínio, pelas contingências do PT, será levado à oposição sistemática; Maluf e Fleury, tão parecidos em suas propostas, apoiarão fisiologicamente o Presidente. Só eventualmente - e debilmente - se oporão por motivos eleitoreiros específicos, como, por exemplo, aconteceu com o candidato oficial no veto à lei salarial.

Em 1989 o povo brasileiro fez uma opção por Fernando Collor. E espera agora que o Presidente lidere o Brasil para fora da crise. Isto poderá acontecer. Mas para isto cada cidadão, cada deputado, cada senador, cada governador, e principalmente o governador de São Paulo, deverá ter uma atitude colaboração e de independência. Colaboração porque o Presidente necessitará de ajuda para que se concretize o pacto social e político que é condição para o país superar sua crise; independência, porque só assim será possível dar força e credibilidade a esse pacto. O eleitorado em São Paulo está ainda muito confuso - e extremamente apático. Foram muitas eleições, uma atrás da outra. Mas esta eleição será importante não apenas porque se elege o novo Congresso, mas também porque se escolhe alguém que deverá ter a estatura de ser o segundo homem da República.